

Os Museus e o Tempo

Maria Izabel Branco Ribeiro¹

Associar a ideia de museu ao conceito de tempo chega a ser lugar comum. Nas últimas décadas, o estabelecimento de políticas museológicas definidas, a atualização dos espaços expositivos, a constância dos calendários de exposições e a adoção de práticas para aproximação de seu público consolidaram o papel dos museus no mundo da cultura e junto à sociedade. Hoje, a frequência aos museus é hábito difundido e suplanta a velha imagem a ele associada, a das galerias desertas e depósitos repletos de objetos esquecidos.

A questão do tempo já está na definição dos museus proposta pelo Conselho Internacional de Museus da UNESCO (ICOM) e se manifesta em qualificá-los como instituições permanentes, a serviço da sociedade e comprometidas em adquirir, conservar e transmitir o patrimônio material e imaterial da humanidade. De modo sintético, o conceito estabelece a permanência como condição importante para que o legado do passado seja estudado, conservado, usufruído pelo presente e chegue até o futuro.

Porém, a reflexão é mais ampla, uma vez que ao ingressar em um acervo museológico, o objeto tem enfatizada sua função de portador de significado e passa a ser regido pelo tempo dos museus, ou seja, o dos significados, das relações possíveis entre presente, passado e futuro. São vínculos que levam curadores e outros profissionais a visitarem acervos tradicionais para a organização de exposições e atividades que tragam à cena aspectos que emergem no cotidiano, mas que conduzem a questões mais profundas e enriquecem a realidade. Levam a indagações sobre as mudanças de nosso tempo e a possibilidade de colecionar o contemporâneo. Ampliam a discussão sobre a dificuldade de conservação de obras de arte, a reunião de coleções de arte eletrônica e a dificuldade de sua apresentação ao público, mesmo a médio prazo, em vista da obsolescência de seus meios. Propostas para colecionar o contemporâneo têm levado pesquisadores de diversas áreas a debater sobre os critérios para seleção de exemplares desses muitos objetos que nos cercam, sobre a pertinência desses acervos, sua extensão, a necessidade de registros, documentação e, principalmente, pesquisa.

¹ Professora de História da Arte em cursos de graduação e pós-Graduação em História da Arte na Fundação Armando Alvares Penteado. Mestre e doutora em História da Arte pela ECA-USP. Foi diretora do Museu de Arte Brasileira da FAAP (1994-2016).

O Museu do Amanhã foi inaugurado em dezembro de 2015 no Rio de Janeiro em edifício projetado por Santiago Calatrava, para apresentação de exposições e atividades utilizando recursos tecnológicos sobre temas e conceitos das ciências. Em suas propostas, parte do conhecimento atual, para discutir situações presentes ou prospectar condições futuras, de modo a motivar visitantes a ponderarem sobre as mesmas.

Essas manifestações não impedem que ainda se considere gostar das visitas aos museus como viver no passado; encará-lo como cápsula do tempo, capaz de isolar um período da passagem dos anos, ou ainda como portal de acesso a outra época.

São afirmações que soam extemporâneas e são facilmente contestadas pelo discurso da museologia e pela atividade museológica. Mas ainda incomodam, porque apontam para o contato com o passado, inevitável e essencial para o acesso ao patrimônio cultural e indicam a velha imagem do tempo descrito como ave agourenta assombrando o presente e obstruindo seus caminhos para que o presente se desembarace de antigos entraves.

Porém, se perturbam, também abrem possibilidades para mais considerações e, uma vez que museus abordam questões sobre a preservação do patrimônio cultural e seu legado, as relações temporais indicadas têm analogia com as envolvidas na pesquisa histórica. Jacques Le Goff indica que muitas das abordagens à história são dependentes de posturas em relação ao passado e do conceito de tempo adotado. Considera o passado como processo de constante construção e reinterpretação, inclusive com um direito a um futuro, em razão dos caminhos tomados pelos trabalhos em curso. Afirma:

Novas leituras de documentos, frutos de um presente que nascerá no futuro, devem também assegurar ao passado uma sobrevida – ou melhor, uma vida – que deixa definitivamente de ser passado. (2003: 25).

Para Le Goff, a dimensão dada à consciência histórica torna-se mais ampla quando lhe é acrescentada a dimensão do futuro e essa proposta é tributária do pensamento de Santo Agostinho manifesto em suas *Confissões*.

Naquela obra, Santo Agostinho discute a dificuldade de se entender o tempo e a possibilidade de só percebê-lo e medi-lo por sua passagem. Lembra que o passado já não mais existe, o presente é fugaz - uma vez que o vivemos já é passado, deixando de

existir – e o futuro ainda não chegou. Afirma que a narrativa de fatos antigos e premeditação de ações futuras não seriam possíveis se o passado e o amanhã não tivessem existência alguma. Para Santo Agostinho, a memória não traz de volta os fatos desaparecidos do passado, mas as palavras, imagens e impressões que os sentidos dela registram; também são indícios de acontecimentos presentes que apontam para o futuro e o modo como nos afetam que permitem antevistas do amanhã. Essas modalidades demonstram a existência do passado e do futuro no tempo presente.

Nas palavras de Santo Agostinho:

Talvez fosse mais correto dizer: há três tempos: o presente do passado, o presente do presente e o presente do futuro. E essas três espécies de tempos existem em nossa mente, e não as vejo em outra parte. O presente do passado é a memória; o presente do presente é a percepção direta; o presente do futuro é a esperança. Se me é lícito falar assim, vejo e confesso que há três tempos. Diga-se também que são três os tempos: presente, passado e futuro, como abusivamente afirma o costume. Não me importo, nem me oponho, nem critico o modo de falar, desde que fique bem entendido o que se diz, e que não se acredite que o futuro já existe e que o passado ainda existe. (2016: XI, 20)

Apesar de associado ao passado, a existência do museu, conceitualmente, tem a marca do tempo presente. A ele cabe a preservação de patrimônio legado pelo passado, de modo que chegue ao futuro. Estabelecido entre o passado e o futuro, o museu ocupa o território em que a conservação, a significação e a divulgação do patrimônio devem se fazer presentes.

A ação dos museus sempre se dá no presente, suas atividades são voltadas para o público contemporâneo e a abordagem do acervo é sempre a partir do ponto de vista de seu tempo, independente se adota posturas conservadoras ou inovadoras, não importando se lança mão de recursos técnicos de última geração ou não.

As denominações de cápsulas do tempo ou portais para o passado lhe cabem, desde que se tenha em mente que o presente se relaciona pelo passado de acordo com suas próprias lentes. Novas pesquisas, temas em voga, enfoques diversos, associações inesperadas e informações inéditas possibilitam a proposição de novas leituras à coleção dos museus e novas aproximações com o passado.

Quanto ao significado do tempo dos objetos dentro das coleções dos museus, resta a indagar se a vida em suspenso no espaço preservado das reservas técnicas e a possibilidade de pesquisa não se constitui como território profícuo onde, como Le

Goff sugere, o futuro do passado possa acontecer. Futuro, diria Santo Agostinho, que se realiza como atividade do espírito e se constitui tempo presente.

Referências:

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: UNICAMP, 2003.

SANTOAGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Paulus, 2016.